

CATEGORIA TRABALHO, SUAS TRANSFORMAÇÕES E SEUS IMPACTOS COMO DEMANDA PARA O SERVIÇO SOCIAL

Ariane Consulo LUCCHETTI¹
Mariele Brazoli LUCHETTI²

RESUMO: O trabalho é uma categoria fundante do ser social, onde seu desenvolvimento tem por perspectiva atender as necessidades de subsistência do ser humano, possibilitando-o a adquirir novas habilidades através de uma prévia ideação. Com a prática da agricultura e pecuária, se deu a produção excedente, tendo uso da força de trabalho de forma exploratória, levando a relações de poder gerando a riqueza para a classe dominante que se apropria da classe trabalhadora de maneira alienada, a partir desse contexto, o trabalho deixa de ser visto como uma forma de suprir as necessidades subsistentes do homem e passa a compor ótica capitalista que visa atender as necessidades do capital. Na década de 70 o modo de produção capitalista se deparou com uma crise intensa pela ineficácia da prática industrial fordista que previa a realização de produção em série, sendo assim por diversos fatores o capitalismo se apropriou da racionalização do ser social e do avanço tecnológico para superar a crise e atender as novas necessidades da sociedade.

Palavras-chave: Trabalho. Transformação. Sociedade. Serviço Social.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho a ser apresentado tem por finalidade abordar as transformações ocorridas no mundo do trabalho, seus principais impactos causados na esfera do trabalho, na esfera do Estado, no Ideocultural, na sociedade em geral e seus rebatimentos como demanda socioprofissional para o Serviço Social.

Primeiramente, para melhor compreensão dos assuntos abordados neste trabalho, apresentaremos um breve histórico do Trabalho, abordaremos o seu conceito e o trabalho frente a alienação. Apontaremos as

¹Discente do 4º ano do curso de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. e-mail@ Ari.consulo@hotmail.com

²Discente do 4º ano do curso de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. e-mail@M4r1_luchetti@hotmail.com

características relevantes do mundo do trabalho na década de 70, as relevâncias da crise e o enfrentamento do capital frente à ela. Abordaremos a relevância do Taylorismo/Fordismo e o Compromisso Social-democrático.

Também abordaremos as transformações ocorridas no mundo do trabalho marcado pela alteração no modo de produção em massa para um modelo de produção mais flexível e a reestruturação produtiva do capital junto as mudanças do mundo do trabalho.

No quinto item pontuaremos as transformações societárias na esfera do Estado com a influencia neoliberal, adentrando a crise do Estado de Bem Estar Social, as consequência rebatidas na classe trabalhadora e na sociedade em geral. As Políticas Sociais que deveriam estabelecer equilíbrio e melhorias para os trabalhadores que se transformaram em politicas focalizadas e deixam de ser um direito social, tendenciadas a ser um direito do consumidor causando uma diminuição do controle democrático.

As transformações ocorridas afetaram também a cultura, assim ocorreram às transformações da tecnologia, surgiu o capitalismo do consumo exagerado entre outros acarretamentos, todas essas questões serão tratadas no sexto item do trabalho.

Como parte fundamental do trabalho, abordaremos os efeitos dessas mudanças para o Serviço Social, com o auxilio e compreensão de Marilda lamamoto.

Para a elaboração do trabalho contamos com a utilização de pesquisas bibliográficas de autores e pensadores do Serviço Social e do Capital. Bem como materiais didáticos concedidos em sala de aula.

2 CONCEITUANDO TRABALHO: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Em relação ao trabalho, de acordo com Netto (2007, p. 30):

“[...] as condições materiais de existência e reprodução da sociedade – vale dizer, a satisfação material das necessidades dos homens e mulheres que constituem a sociedade – obtêm-se numa interação com a natureza: a sociedade, através dos seus membros (homens e mulheres), transforma matérias naturais em produtos que atendem às suas necessidades. Essa transformação é realizada através da atividade que dominamos trabalho”.

Nesta perspectiva, trabalho refere-se baseado no autor Lessa, a uma transformação da natureza que surge de uma necessidade para a satisfação do homem materialmente, essa transformação é realizada de forma teleológica, onde há uma prévia ideação, ou seja, antecipar em sua consciência de como fazer, como vai ficar algo. Sendo assim, o trabalho surge da necessidade de sobrevivência, se caracteriza por uma ação transformadora no âmbito da natureza com base de uma prévia ideação onde se constrói algo novo, levando também a transformação do homem, já que o mesmo de acordo com Lessa (p.22) “[...] adquirem sempre novos conhecimentos e habilidades”. Essa situação propicia ao surgimento de novas necessidades antes não existentes e novas ações/possibilidades para atender as mesmas, onde ambas, de acordo com Lessa (p.23):

“[...] impulsionam p indivíduo a novas prévias ideações, a novos projetos e, em seguida, a novas objetivações. Estas, por sua vez, darão origem a novas situações que farão surgir novas necessidades e possibilidades de objetivação, e assim por diante”.

Conforme o passar do tempo, os conhecimento/habilidades que são desenvolvidas no trabalho propiciam a origem de conhecimentos na área científica, artística, entre outras, de forma mais complexa do que os conhecimentos na era primitiva. Assim, o ato do trabalho faz com que se tenha consequências não só limitadas a tal objeto, mas sim á toda história do ser social.

O processo de reprodução da sociedade se desenvolve conforme se vai alterando as forças produtivas. Conforme a sociedade foi se desenvolvendo, o trabalho foi sendo realizado de forma exploratória, tendo de acordo com Lessa (p.25): “[...] uma relação de poder entre os homens”. Assim, propiciando uma série de complexos sociais, como por exemplo, o Estado, a política.

No que tange a reprodução social, as ditas novas necessidades/possibilidades desenvolvidas no trabalho vão acatar a novas relações sociais organizadas em complexos sociais que de acordo com Lessa (p.26): “[...] surgem para atender às novas necessidades e possibilidades, postas pelo trabalho, para desenvolvimento dos homens”. Assim, buscando uma organização, ordenação entre as relações dos homens.

Conforme há um desenvolvimento na organização social, tange a uma nova situação histórica, com isso, a sociedade deixa de ter uma formação simples como no início de sua história, e vai desenvolvendo uma formação com aspecto mais complexo, de forma articulada.

2.1 O Trabalho e a Alienação

Com o desenvolvimento da agricultura e pecuária, o homem passou a produzir mais do que necessitava para sua subsistência. Com isso se teve a produção excedente, tendo por vantagem um escravo, que gerava a uma ação com o uso da força sobre esse escravo para que ele trabalhasse de forma exploratória. Assim, a sociedade se divide em duas classes, onde uma trabalha para a produção de riqueza e a outra se apropria desta. É neste contexto de trabalho alienado que o trabalho não surge mais da necessidade do homem, e sim da geração de riqueza da classe dominante.

E nesse contexto, a vida em sociedade, a relação entre os homens passam a ser de forma violenta, onde uma classe vive da outra, o que propicia a miséria, a desumanidade entre os homens.

A partir desse momento, o trabalhador para viver sob o capital, vende sua força de trabalho tendo em troca um salário. Este se torna submisso, atendendo às necessidades do capital. O capital de acordo com Lessa (p.30) se caracteriza:

“[...] por ser uma forma de propriedade privada na qual a riqueza produzida pelo trabalho é apropriada não pelos trabalhadores, mas sim por indivíduos de uma outra classe social. Nisto o capital não é muito diferente das propriedades escravista e feudal. Contudo, diferente destas últimas, o capital é uma forma de propriedade privada que não pode deixar de se expandir. Diferente da propriedade feudal, ou da propriedade de escravos, que poderia permanecer por séculos sem alterações significativas, o capital é uma forma de riqueza que apenas pode existir se servir para negócios cada vez mais lucrativos”.

Portanto, o homem a partir do trabalho assalariado, nesta perspectiva, se torna um ser alienado ao capital, atingindo no modo de reprodução social, pelo fato do capital ser exploratório e assim aumentando a miséria entre os homens e por atender somente as necessidades do modo econômico capitalista e não as necessidades do ser humano.

3 CARACTERÍSTICAS RELEVANTES NO MUNDO DO TRABALHO NA DÉCADA DE 70

Posteriormente ao período em que se teve a acumulação de capitais, ocorrido no auge do fordismo e no período de fase keynesiana, o capitalismo passa a demonstrar indícios de um quadro considerável crítico, no decorrer dos anos 70, onde as características mais evidentes formam: a queda do lucro por conta do aumento da força de trabalho obtido pós anos 45 e na intensidade das lutas sociais desenvolvidas nos anos 60 em prol do controle social da produção. Com isso, o capital teve uma redução em relação a sua produtividade; o enfraquecimento da acumulação taylorista, fordista em relação a produção por conta da incapacidade de resposta à retratação do consumo em que se destacava; e a hipertrofia da esfera financeira, onde se desenvolvia

uma relativa autonomia diante aos capitais produtivos, que era considerável também um indício da crise do capital e seu modo de produção.

3.1 Respostas do Capital Frente a Sua Crise

Conforme dito, na década de 70, o capitalismo se deparou a um quadro crítico. Em compreensão dos membros constitutivos dessa crise, há uma complexidade, já que nesta época houve mudanças consideradas intensas no âmbito econômico, social, político e ideológico, refletindo nos valores da classe que vive do trabalho. Essa crise gerou um processo de reestruturação do capital, para poder recuperar seu modo reprodutivo. A resposta capitalista a essa crise buscou uma reestruturação sem alterar seus aspectos essenciais do modo de produção capitalista. Onde de acordo com Ricardo Antunes (p.36):

“Tratava-se, então, para as forças da Ordem, de reestruturar o padrão produtivo estruturado sobre o binômio taylorismo e fordismo, procurando, desse modo, repor os patamares de acumulação existentes no período anterior, especialmente no pós-45, utilizando-se, como veremos, de novos e velhos mecanismos de acumulação”.

Nesta perspectiva, houve uma mudança no âmbito do padrão de acumulação, buscando alternativas que movimentassem o processo produtivo, que dava indícios de esgotamento. Assim, houve a transição do padrão taylorista e fordista dado anteriormente á formas de acumulação consideradas flexíveis.

3.2 Taylorismo/Fordismo e o Compromisso Social-democrático

No âmbito do sistema taylorismo, fordismo se baseava durante o século XX, uma produção em massa de mercadorias, “[...] que se estruturava a partir de uma produção mais homogeneizada e enormemente verticalizada”.

ANTUNES (p.36). No âmbito da indústria automobilística taylorista e fordista, se tinha uma grande racionalização nas operações ocorridas pelos trabalhadores, em busca do não desperdício em relação a produção estendendo o ritmo do trabalho, gerando a uma atividade considerada mecânica e repetitiva.

Esse processo de produção modificou o modo de produção industrial capitalista, expandindo uma sistematização com base na acumulação intensiva, uma produção considerada em massa desempenhada pelos operários considerados semiquualificados.

A organização taylorista no âmbito da indústria automobilística juntamente com o fordismo caracterizaram o processo de trabalho como o mais racional do modo econômico capitalista no decorrer do século XX, onde somente na década de 60 e começo da década de 70 que essa categoria produtiva deu indícios de esgotamento. Junto a esse processo de trabalho, se desenvolveu no período pós-guerra, um sistema considerado de compromisso e regulação, dando uma aparência de sistema efetivo, controlado, “[...] regulado e fundado num compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Estado”. (ANTUNES).

Esse compromisso vem atrelado a princípios seguintes á crise de 30 e da elaboração da política keynesiana sucedida. Esse compromisso no que tange seu aspecto ilusório, visto que de um lado afirmava-se uma etapa das relações de força do capital e trabalho, não sendo conseqüente de discussões estabelecidas. As discussões foram ocorrendo em seguida com função de ocupar um espaço considerado aberto pelo compromisso, para conduzir suas conseqüências e criar seus detalhes. Seus elementos firmadores ou intermediários foram:

“[...] os sindicatos e partidos políticos, como mediadores organizacionais e institucionais que se colocavam como representantes oficiais dos trabalhadores e do patronato, sendo o Estado elemento aparentemente “arbitral”, mas que de fato zelava pelos interesses gerais do capital, cuidando da sua implementação e aceitação pelas entidades representantes do capital e do trabalho”. (ANTUNES, p.38)

No âmbito partidário, seja pela social-democracia ou pelos partidos burgueses o compromisso se caracterizava por delimitar o que envolve as lutas de classe, no qual procurava-se obter os elementos característicos do welfare state.

No que tange a interação, o proletariado através de sua representação tinha como suporte, objetivo a melhores condições no que se refere ao salário, seguridade social, solicitando do Estado, a preservação de suas conquistas.

A classe proletária passa a ter uma relação de dependência ao Estado considerado Estado previdência, onde tem como representação para o proletariado o caráter de seguridade social. Nessa visão, o Estado passa a ter um aspecto de fetichismo de Estado, desenvolvendo ideais democráticos, garantindo alguns direitos ao trabalho, à saúde, entre outros.

O welfare state passa a dar sinais de crise, por conta de esgotamento no que tange a fase de regulação keynesiana e a crise do fordismo alimentada por exemplo pela luta de classes.

Temos no final dos anos 60, começo dos anos 70, um destaque do operário-massa, onde estes da era taylorista,fordista se situava no âmbito produtivo de caráter concentrado. Por conta da sua perda de identidade cultural, a ressocialização do operário foi de caráter homogêneo, necessitando de uma emergência de um novo proletariado atrelada a uma forma industrial de massificação traz a construção de uma nova identidade e de consciência de classe.

Nesta época, se destaca as ações dos trabalhadores, que questionam a forma da sociabilidade do capital, no que tange seu controle social de produção. No aspecto da ação operária, se destacava a condição de se ter um controle tanto social dos trabalhadores como em seus meios materiais no âmbito do processo produtivo. Entretanto, dentro dessas ações, havia barreiras, pelo fato de ser considerado difícil uma ruptura de uma estrutura organizada social-democrática fundada por várias décadas e que teria influenciada no interior do operário. Essas lutas operárias ocorridas no âmbito da fábrica contra a subordinação da divisão hierarquizada no capital, não propiciou a um projeto societal hegemônico de caráter contrário ao capital.

Pela não garantia de superação, a ação dos trabalhadores se tornou debilitada, não possuindo a capacidade de se constentar hegemonicamente à sociabilidade do capital. Porém, sua auto-organização impressionou o funcionamento do capitalismo. Propiciando ao surgimento da crise dos anos 70.

Referente ao avanço tecnológico, que se desenvolvia, este era visto como uma resposta do capital frente ao confronto no âmbito do trabalho desenvolvido nas lutas sociais; e em outro aspecto respondia necessidades frente a concorrência capitalista.

É neste ambiente que, o capital consegue se reorganizar, porém estabelecendo novos problemas para o mundo do trabalho, com aspectos desfavoráveis. Essa reorganização recuperou temas disponibilizados pela ação, propostas dos trabalhadores. Esses trabalhadores tinham tornado evidente que são mais do que pessoas com força bruta, conseguindo o controle dos movimentos reivindicatórios como também no âmbito das empresas. Assim, os capitalistas os viram como “fonte de imaginação”, desenvolvendo a tecnologia eletrônica que moldariam o sistema de administração da empresa.

4 TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO, APÓS DÉCADA DE 70

No decorrer das últimas décadas, após os anos 70, o âmbito do trabalho tem passado por uma situação considerada fortemente crítica. Para entender os elementos que basearam essa crise, há uma complexidade, pois diante a esse período, fora vivenciado transformações no movimento operário e sindical.

Para a compreensão desses elementos, vamos destacar os que são considerados centrais a essa crise, que alterou a maneira de agir da classe trabalhadora, seus valores, entre outros.

Nessa época, fora ocorrido uma crise estrutural do capital, onde influencia na economia capitalista, essa crise fez com que se desenvolvessem

ações de superprodução onde geraria uma destruição considerada global, e um processo de reestruturação para recuperar sua produção o que influenciou o âmbito do trabalho.

Outro elemento, fora o “desabamento” do Leste Europeu, desenvolvendo a ideia do fim do socialismo considerada falsa. Com esse considerado fim do bloco socialista, os países capitalistas centrais, minimizam direitos, conquistas sociais da classe trabalhadora, vista a inexistência do socialismo hoje. Assim, esse “desabamento” do Leste Europeu e da União Soviética, no fim dos anos 80, influencia no movimento operário, já que a crise também influenciou os partidos comunistas tradicionais e no sindicalismo vinculado.

Outro elemento, refere-se “[...] ao desmoronamento da esquerda tradicional da era stalinista”. (ANTUNES,p.21)

Houve um processo político e ideológico de socialdemocratização da esquerda e por consequência sua atuação subordinada ao capital. Referente a socialdemocracia, esta influenciou a esquerda sindical e partidária que repercute na classe trabalhadora. Influenciando também o sindicalismo de esquerda que recorre [...] “à intencionalidade e a burocratização, que também caracterizam a socialdemocracia sindical.” (ANTUNES, p.22)

Temos ainda, que com a abrangência do neoliberalismo no fim dos anos 70, e a crise do Welfare State, houve um regresso da socialdemocracia, passando a atuar de forma mais próxima ao neoliberal. Assim, o neoliberalismo influencia nos aspectos em que se buscam uma reestruturação de caráter produtivo como uma privatização de modo acelerado, entre outros.

4.1 A Reestruturação Produtiva do Capital no Âmbito das Mudanças no Mundo do Trabalho

Com o objetivo de responder a essa crise estrutural, ocorre várias transformações no decorrer da virada do século XX ao século XXI, como por

exemplo, as transformações no processo de produtivo do capital, junto a repercussões no processo de trabalho. Ou seja, como respostas:

“[...] intensificaram-se as transformações no próprio processo produtivo, através do avanço tecnológico, da constituição das formas de acumulação flexível e dos modelos alternativos ao taylorismo/fordismo, onde se destaca, para o capital, especialmente, o toyotismo. (ANTUNES, p.23)

Essas mudanças que foram decorridas por conta da concorrência intercapitalista e do fato de se ter a necessidade de controle do movimento operário e da luta de classes, levaram a afetar tanto a classe trabalhadora quanto o seu movimento sindical e operário.

A respeito do toyotismo, este possui características como: modo de produção em relação à demanda; se tem um moo variado e heterogêneo; se tem um trabalho operário em conjunto/equipe, com funções variadas; busca aproveitar ao máximo o tempo de produção; entre outras.

O trabalho tem sua atividade de forma manipulada, envolvendo os trabalhadores ainda mais num trabalho alienado, onde se pensa e age em favor ao capital.

Este modo de acumulação do capital considerado flexibilizado, influenciou no mundo do trabalho, tendo consequências como:

- Tem-se uma diminuição do proletariado fabril considerado estável, desenvolvido no toylorismo/fordismo;
- Há um aumento do “novo proletariado”, do subproletariado fabril e de serviços, onde é visto pelo mundo como trabalho precarizado. Atingindo atualmente os trabalhadores especializados no período do taylorista/fordista;
- Tem-se um aumento da mulher no mercado de trabalho;
- Há um aumento dos assalariados médios e de serviços, influenciando no aumento no sindicalismo destes setores;
- Tem-se uma exclusão no mercado de trabalho de jovens e pessoas com aproximadamente 40 anos, onde quando estão desempregados, por conta da idade há uma maior dificuldade de conseguirem um emprego;

- Há um tipo de inclusão de crianças no âmbito do trabalho;
- O trabalho é expandido, onde se precariza a classe trabalhadora a utilizando mais intensamente, aumentando sua exploração.

Neste aspecto, a classe trabalhadora se qualificou em setores como, por exemplo, na siderurgia, porém há uma desqualificação em outros setores como da automobilística, não dando mais importância ao ferramenteiro por exemplo.

Temos de um lado, o trabalhador multifuncional, pois em tempos informacional, este deve ter a capacidade de operar máquinas, exigindo um aprimoramento intelectual; de outro lado, tem-se trabalhadores considerados precarizados, pelo fato de não terem qualificação, em situação de emprego temporário e até mesmo o desemprego.

Essas transformações no mundo do trabalho fizeram com que se dividissem a classe trabalhadora entre os que são qualificados e os que não possuem qualificação, tendo uma inserção no mercado formal e informal, entre outras. Assim, esses trabalhadores encontram desafios como o de pertencer a classe que existe entre as variedades do mundo do trabalho.

Temos uma lógica societal em que há uma “[...] prevalência do capital sobre a força humana de trabalho, que é considerada somente na exata medida em que é imprescindível para a reprodução deste mesmo capital.” (ANTUNES, p.26).

No mundo do trabalho temos mudanças consideradas qualitativas, onde se exige um trabalhador qualificado, que desempenha um trabalho multifuncional, referente a um desenvolvimento com máquinas, onde há a necessidade do raciocínio.

5 AS TRANSFORMAÇÕES NA ESFERA DO ESTADO

A crise fiscal capitalista foi responsável por uma forte colisão no aspecto estrutural do que chamamos Estado e Sociedade Civil, nos anos 80 até os dias de hoje a classe burguesa está em ofensiva para a sua

recuperação, produzindo mais e alterando as condições de luta de classes. Com a contrarreforma neoliberal, o Estado tencionou o Pacto social, que visava à extensão dos direitos sociais e políticas sociais se comprometendo com o emprego pleno.

Assim, o Estado capitalista devido o tempo foi se modificando, como compreende Elaine Rossetti Behring, p.70, “ao longo da história deste modo de produção, a qual se faz na relação entre lutas de classes e requisições do processo objetivo de valorização e acumulação do capital” assumindo seu compromisso de cumprir seu papel, ganhando autonomia diante da sociedade civil. O Estado, apesar de sua autonomia, junto com a sociedade civil se torna uma totalidade, onde um depende do outro.

Devemos compreender que não temos um Estado Social e sim mais mercado livre.

Com a crise dos anos o Estado já não poderia mais manter os investimentos na esfera pública, pois havia déficits públicos, juntamente com a inflação, com isso o Estado entra com a proposta neoliberal, onde haveria uma redução de sua ação na economia e assim passou a dar atenção para a ordem política e econômica, deixando as empresas privadas livres para investirem como quisessem, deixando assim a sociedade a mercê das exigências capitalistas do consumo:

“Os capitais financeiros e as chamadas multinacionais condicionam seus empréstimos e os seus investimentos produtivos aos ajustes políticos e institucionais dos Estados nacionais. Com isso, os Estados nacionais e seus cidadãos vêm sendo pressionados a aceitar as exigências da globalização” (ABREU, p.41)

O Estado que antes era provedor dos direitos sociais básicos se tornou em um Estado mínimo, em que passa sua responsabilidade para o segundo e terceiro setor. Suas ideologias neoliberais que defende o ideário da liberdade, da cidadania e democracia faz com que as camadas subalternas lutassem por melhorias de seus direitos de foram “esquecidas” pelo Estado. Como cita Haroldo Baptista de Abreu, (p. 41, 1999): “A redução dos gastos públicos (portanto, de serviços públicos como saúde, educação, transporte,

fundos de aposentadoria e pensão, telefonia, água, energia, etc..que devem ser concedidos e explorados pelo capital privado)”

Estado foca seu interesse para o capital, o trabalhador encontrasse em situação de consumidor e se torna alienado ao capital. Onde o trabalhador é designado para a produção de riqueza e para o consumo excessivo. Sendo assim, as propostas do neoliberalismo estão no âmbito do das políticas sociais privatizadas e focalizadas, ou seja, encontramos o Estado regulador reduzindo suas ações, repassando recursos para as instituições de terceiro setor, para que elas atendessem as demandas da sociedade, fazendo assim com que haja o desmonte dos direitos sociais. Como diz Elaine Rossetti Behring (p.76), “Evidentemente, nessa perspectiva, os benefícios, serviços e programas sociais deixam de ser direitos sociais para se tornarem direito do consumidor”

Assim surge a redução do Estado e de seus financiamentos para a proteção social. Também devemos considerar que os cortes de gastos públicos feito pelo Estado levam a mercantilização das políticas sociais como compreende Elaine Rossetti Behring, (p.76).

Sendo assim, acarretou em uma diminuição do controle democrático, mostrando um Estado enxuto e antidemocrático, repudiando seu papel de Estado liberal de direitos colaborando com a participação mediante qualquer decisão partidária e em algumas situações.

A proposta para as políticas sociais é a focalização das ações, estimulando os fundos sociais como emergência, bem como aos programas de transferência de renda e ações voltadas para a solidariedade voluntária.

O esquecimento da ideia do Estado de Bem Estar Social fez com que houvesse um rebatimento negativo para os trabalhadores e seus sindicatos perdessem a essência de continuar lutando por seus interesses, perderam o entusiasmo e a força para continuarem defendendo ideários de direitos, sem ser submetido ao sistema atual capitalista que visa à produção sobre a mais valia, que gera grandes desigualdades sociais e desemprego.

Uma questão importante do neoliberalismo é o espaço que a sociedade civil ganhou para pensar em respostas para as demandas e seus

interesses, através de reuniões, assembleias, organizações, fóruns, conselhos, etc. Pois bem, também há o lado negativo dessa questão, os movimentos sociais ficam enfraquecidos e assim o Estado aparece livre das pressões sociais. Ou seja, o Estado se sente em posição favorável, a sociedade civil toma para si sua responsabilidade e limitam suas pressões com movimentos sociais de garantias de direitos. A participação da sociedade como fiscalizadores ainda está em fase de processo, pois culturalmente a sociedade civil foi ensinada a se submeter às ordens do mercado.

6 EXPRESSOES IDEOCULTURAIIS

As mudanças societárias ocorridas afetaram não só o mercado de trabalho e o Estado, mas também a política social e a cultura. A emergência da burguesia fez com que surgissem alterações no processo de modernização, transformações no campo da tecnologia e da ciência. A pós modernidade se intensifica em meados de 1970, onde a sociedade passa a ser considerada como uma “rede de comunicações linguísticas” e “multiplicidade de jogos”.

A dialética é desqualificada, como explica Ivete Simionatto (p.93) “em favor das tendências fragmentadas e em detrimento do sistemas globalizantes de explicação do mundo”. A globalização mundial fez surgir novos desafios na esfera do conhecimento, incluindo dilemas teóricos para a análise do campo das classes sociais.

A pós modernidade apresenta transformações no âmbito da cultura atenuadas pelo capitalismo globalizado. Os pensadores da pós modernidade consideram não só a linguagem, mas também às tecnologias de comunicação.

Os avanços tecnológicos nos sistemas de comunicação, através da microeletrônica e da mídia em geral, ao possibilitarem a eliminação das barreiras da distância, permitindo interconexões regionais e

globais, alteraram, também, a relação tempo espaço. (SIMIONATTO, p.95)

Através dos avanços tecnológicos a comunicação e relação entre as pessoas ficaram mais diversificada, fácil e rápida. Na atualidade queremos resolver tudo da maneira mais breve possível, sem barreiras e sem distancia, a tecnologia nos permite isso. A expansão dos meios de comunicação nos permite relacionar com variadas culturas, democracias, e interiorizar diversos conhecimentos. Do outro lado, temos a questão negativa, em que, a os grupos manipuladores encontram uma força maior para a manipulação das informações, e isso faz com que surjam as diversas formas de alienação e totalitarismo.

A ideia do consumo se expande, e diante disso formam – se diferenciados estilos de vida, que se modificam desde a incorporação de hábitos, música, moda, alimentação até os desejos e valores. Podemos considerar e estereotipar como “sociedade do descarte”, onde se trocam de hábitos e valores a cada novo conhecimento e interesse.

Sentimos a necessidade de acompanhar cada tendência nova, cada tecnologia nova, e acima de tudo, cada objeto que nos proporcione rapidez, agilidade e eficácia. Assim, deixamos que o capital invada nossa vida íntima, como diz Ivete Simionatto (p.95) “O capital invade a vida íntima dos indivíduos, seja sob a forma acentuada de mercantilização e burocratização de necessidades, seja sob a forma de controle dos comportamentos”.

7 TRABALHO CONTEMPORÂNEO E SUA INFLUÊNCIA NA EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL

Conforme houve mudanças no mundo do trabalho como um modo capitalista mais competitivo, tendo um avanço tecnológico para suprir esse modo de produção que é cada vez mais acelerado, o mercado de trabalho exige cada vez mais trabalhadores qualificados.

Assim podemos perceber um capital baseado na tecnologia informacional, onde se desenvolve com a necessidade de se controlar, gerenciar máquinas, exigindo-se um conhecimento específico para se ter tal domínio. No que tange a esse conhecimento, este envolve questões culturais, educacionais, e condições sociais dos indivíduos, como também todo um aparato material para lidar com a prática.

Se não se tem essa integração do indivíduo a esse modo de produção de capital tecnológico-informacional, a uma capacidade de pensar, de criar formas organizações, o indivíduo se torna excluído da era digital, o que influencia na exclusão social. Portanto temos hoje como riqueza maior o nosso conhecimento para podermos ter um lugar no mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Assim as mudanças no mundo do trabalho repercutem a questão social, já que no modo de produção capitalista temos relações sociais desiguais e exploração do trabalho.

Diante a essas transformações, como um mercado mais exigente, não se tem “lugar” para todos, tornando um mercado competitivo, já que não há emprego para todos. Nesta perspectiva, temos a mão-de-obra considerada barata, por conta do número alto de trabalhadores que precisam ser inseridos no mercado de trabalho e excluindo os que não conseguem acompanhar esse modo de produção.

Ou seja, perante as transformações nas relações de trabalho e a expansão do modo capitalista, e os fatores ditos no decorrer do texto, temos cada vez mais a expressão da pobreza resultado das relações de trabalho, por conta do desemprego.

7.1 Os Rebatimentos das Transformações Para o Serviço Social

A proposta neoliberal acarretou o desmonte dos direitos sociais, o mínimo de políticas públicas que não dão conta de atender as necessidades

básicas dos indivíduos, contribuindo para o crescimento cada vez maior da exclusão social. A flexibilização que precariza as formas contratuais, fragmenta os serviços, aliena, proporciona o desmonte dos direitos sociais já conquistados, enfraquece os sindicatos e que agrava as questões sociais, foi à única alternativa que o capitalismo encontrou para continuar se desenvolvendo. O modelo capitalista monopolista conserva os padrões de exploração, agora revelam ser ainda mais acentuados, incidindo fortemente sobre o elemento feminino que se tornou componente essencial da força de trabalho.

As alterações causadas pela contemporaneidade no mundo do trabalho vêm afetando as questões sociais, fazendo com que aumente as demandas imediatas ou sócio-profissionais de sujeitos individuais ou coletivos.

Tais mudanças no mercado profissional de trabalho tem desafiado profundamente a população em especial a classe trabalhadora.

O Serviço Social vem para realizar as mediações entre Estado e Sociedade Civil, tendo sua prática voltada para a classe trabalhadora em uma perspectiva transformadora. Podemos compreender que;

“Esse processo desafia profundamente todos os cidadãos, e em especial, os assistentes sociais, repercutindo no mercado de trabalho especializado. A retratação do Estado em suas responsabilidades e ações no campo social manifesta-se na compreensão das verbas orçamentárias e no deterioramento da prestação de serviços sócias públicos.” (IAMAMOTO, 2009, p.42)

A Assistência Social ira atender as necessidades sociais sem levar em conta sua rentabilidade econômica, pois os critérios econômicos só se aderem a programas e alguns critérios estabelecidos pelo Município.

“Cresce o problema central do mundo contemporâneo sob o domínio do grande capital financeiro em relação ao capital produtivo: o desemprego e a crescente exclusão de contingentes expressivos de trabalhadores da possibilidade de inserção ou re-inserção no mercado de trabalho, que se torna estreito em relação à oferta de força de trabalho disponível. Essa redução do emprego, aliada à retratação do Estado em suas responsabilidades públicas no âmbito dos serviços e de direitos sociais, faz crescer a pobreza e a miséria, passa a comprometer os direitos sociais e humanos, inclusive o direito à própria vida.” (IAMAMOTO, 2009, p.87)

No entanto, mesmo que se restringem as oportunidades de trabalho, o mesmo continua sendo um meio de sobrevivência da classe trabalhadora, na qual;

“[...] uma vez que vem crescendo, em um ritmo cada mais acelerado, o contingente populacional efetivamente sobrando para as necessidades médias do capital no atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas. (IAMAMOTO, 2009, p.87)

A classe trabalhadora vem vivenciando um aumento gradativo das exigências para a qualificação no mercado de trabalho, presenciando um momento de barbárie com a nova pobreza, a violência, a desigualdade social e precarização do trabalho. Criando uma nova demanda para o Serviço Social onde se agrava o problema de saúde na população devido a este ritmo acelerado.

Deste modo é fundamental que os profissionais da área realizem um trabalho articulado com a rede socioassistencial, realizando uma ação preventiva e informativa a sociedade, pois o indivíduo já estava inserido em uma sociedade de mínimos sociais que não dão conta de atender a todos, uma sociedade complexa e excludente de direitos sociais. Lembrando que quando se fala em sociedade estamos atribuindo ao Estado também a responsabilidade de criar políticas públicas mais eficazes que atenda as necessidades sociais.

Os assistentes sociais devem ter o conhecimento e o compromisso ético político, e propiciar aos usuários do sistema a emancipação, tendo em vista a garantia de direitos enquanto cidadão que necessita de serviços sócioassistenciais.

Portanto, o papel do assistente social deve estar comprometido com a justiça social, e igualdade e equidade, para que os direitos dessas pessoas possam ser consolidados de maneira ética e política, técnica e operativa, assim como o Projeto Ético Político Profissional visa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de construção deste trabalho podemos concluir que as principais transformações geradas no mundo do trabalho ocorreram na classe trabalhadora, alterando o modelo de produção vigente. Ocorrendo também mudanças nas configurações do Estado, na cultura, na ética criando impactos na sociedade em geral.

Várias mudanças societárias também ocorreram com a influência neoliberal, rompendo com o pacto do Welfare State, deixando de ser um Estado provedor atendendo os mínimos. Esta proposta neoliberal torna-se cada vez mais dentro do campo das políticas sociais privatizadas e focalizadas, reduzindo assim a prestação de serviço público.

Um fator importante do neoliberalismo é a abertura da participação da sociedade civil chamado a pensar respostas, porém, o que na verdade ocorre é um discurso enganoso, diante do desmonte dos movimentos sociais existentes, que faz com que o Estado fique livre das pressões sociais.

As transformações ocorrentes no plano político são igualmente notáveis e portadores de novas problemáticas, que deriva impactos nas novas dinâmicas econômicas e societárias, um impacto entre Estado e sociedade civil. A crise do capital causou um forte impacto no aspecto estrutural do que chamamos Estado e Sociedade Civil.

Tais alterações decorrentes no mundo do trabalho vem afetando as expressões da questões sociais, aumentando as demandas imediatas e sócioprofissionais. Na qual a classe trabalhadora vem vivenciando um aumento gradativo das exigências do mercado de trabalho, presenciando um momento de barbárie, tendo um rebatimento na questão da saúde.

Portanto, é de suma importância que o profissional esteja comprometido com os princípios ético político da profissão, norteado pelo Código de Ética Profissional do Serviço Social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES. Ricardo. **Adeus ao trabalho: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo, Cortez, 6ª Ed - Material didático referenciado em sala de aula.

ANTUNES. Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Capítulo II.** Material didático referenciado em sala de aula.

ANTUNES. Ricardo. **Crise capitalista contemporânea e as transformações no mundo do trabalho.** Parte 1. Material didático referenciado em sala de aula.

BEHRING. Elaine Rossetti. **Expressões políticas da crise e as novas configurações do estado e da sociedade civil -** material didático referenciado em sala de aula.

IAMAMOTO. Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** São Paulo, Cortez, 18ª Ed, 2009.

LESSA. Sergio. **O Processo de Reprodução/Reprodução Social: Trabalho e Sociabilidade.** Material didático referenciado em sala de aula.

NETTO, J. P. e BRAZ, M. **Economia política – uma introdução crítica.** 3ª ed. SP: Cortez, 2007.

SIMIONATTO. Ivete. **Expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influencia teórico – prática.** Material didático referenciado em sala de aula.